

In memoriam: João Zanetic (1943-2024)

Zanetic nos deixou.

Apesar da tristeza e comoção que tal notícia nos causou há pouco mais de um mês, em 25 de abril, foram diversos os textos e manifestações apontando e ressaltando a importância de João Zanetic para a ciência brasileira, em geral, e para a área de pesquisa em ensino de ciências, em particular.

Uma dessas manifestações foi o texto intitulado “Elogio a João Zanetic”, reproduzido nessa seção da RBHC, e assinado por “Membros da CAPEF e da Comissão para Assuntos de Ensino da SBF, com participação de várias sócias e sócios da área de Pesquisa em Ensino de Física”. Nele, procuramos situar diversos setores aos quais Zanetic deu inúmeras contribuições importantes, sem deixar de apontar, também, características desse ser humano emblemático que marcou a vida pessoal e profissional daqueles e daquelas que o conheceram e tiveram o privilégio de com ele conviver. Assim, não pretendo, nessas poucas linhas, concentrar-me em tais aspectos.

Gostaria, apenas, de destacar dois elementos que me parecem relevantes nesse momento.

Em primeiro lugar – e dada a natureza mesma desse periódico –, creio ser fundamental explicitar a necessidade de mantermos viva a história das contribuições e do pensamento do João. Fico feliz em haver contribuído nessa direção com algumas ações, como a organização de duas obras comemorativas, respectivamente, dos vinte e dos trinta anos de sua Tese de doutorado (“Física ainda é cultura?”, de 2009, e “Física, cultura e ensino de ciências”, de 2019), bem como a revisão de sua (famosa) apostila “Textos de Evolução”, em 2020 (Disponível em: https://fep.if.usp.br/~profis/prod_docente.html). Nem sempre aqueles que admiramos são valorizados e reconhecidos em vida.

Muitas pessoas em nossa área talvez não tenham consciência da dívida histórica que temos com o pioneirismo do João quando se trata de pensar as interfaces entre história, filosofia da ciência e ensino de ciências. São gerações que foram influenciadas por ele e que carregam (talvez sem o saber) marcas dessa formação. É belo pensar que Zanetic continua vivo por meio dessa circulação de ideias em nosso coletivo.

Em segundo lugar – e de modo, talvez, mais subjetivo –, gostaria de tentar trazer a este texto algo não muito simples de dizer, de comunicar. Trata-se de uma percepção pessoal de que o legado de Zanetic deveria ser apreciado em toda sua força e *coerência*, no sentido de que havia articulação e coesão entre todos os aspectos de suas ações como professor, pesquisador, militante político, morador do Butantã e... torcedor do Corinthians! (afinal, nem tudo é racional, como o amor pelo seu time do coração!)

Para o João não havia sentido, por exemplo, falar de educação e de ciência descoladas da política, da economia, da sociedade, do imaginário. Daí, também, que a literatura, o teatro, as artes em geral, sempre mantiveram, em sua proposta, vínculos e articulações com a história e a filosofia do conhecimento. E tal coerência sempre fez parte de seu discurso e – principalmente – de sua prática. Porque, na perspectiva zaneticiana, o saber sempre teve sabor.

Em tempos tão sombrios como os que vivemos, com o fascismo e o negacionismo científico tentando, reiteradamente, ampliar seu escopo de ação e influência, cabe-nos “honrar sua memória”, como consta no final de nossa carta “Elogio a João Zanetic”. Valorizemos Freire, a dialogicidade e a curiosidade epistemológica que João tanto cultivou e nos ensinou a ter.

André Ferrer P. Martins

Natal, 27 de maio de 2024.

Elogio a João Zanetic

28/03/1943-25/04/2024

Nosso país deu ao mundo muitos seres humanos de primeira grandeza. Nenhuma pessoa do Brasil recebeu Prêmio Nobel, mas o mundo olha o relógio, assobia e educa diferente graças ao sol e ao calor humano destas terras.

No dia 25 de abril de 2024, nossa comunidade científica e educacional perdeu João Zanetic, um desses prodígios brasileiros. Sal da terra, que sentimos mais quando ele falta.

Neste país, e pelo mundo afora, as físicas e os físicos aqui formados são reconhecidos pela criatividade, persistência e capacidade de trabalho. E isto em todos campos da Física; inclusive da Pesquisa em Ensino de Física, que tem interface com a Pesquisa em Ensino de Ciências, em Educação, em História e Filosofia das Ciências etc.

A morte de João Z nos dá oportunidade de pensar que, o que nos distingue talvez seja o amor que nos move; um amor pela aventura de gerar conhecimento que professoras e professores discretos cultivaram em nós.

Ainda hoje, a maioria das aulas de Física no ensino médio no Brasil é dada por pessoas que não são formadas em física. Portanto, a Física brasileira deve muito à coragem e à determinação da minoria – discreta e apaixonada – que insiste em preparar aulas instigantes.

Ao olharmos para a trajetória de um professor, pesquisador, militante persistente e colega como João Zanetic nos cabe perguntar: de onde vem a coragem e a determinação de pessoas como ele? Como que nós, que vivemos de Ciência e de Educação, nos tornamos capazes de encarar tantos reveses profissionais neste país onde o acesso à informação e ao conhecimento é tão desigual?

O maior legado de professores–pesquisadores como João Zanetic está nas pessoas que tiveram aula, conduziram investigações sistemáticas, enfrentaram desafios e compartilharam momentos educativos com ele.

À primeira vista, nos intriga o ânimo e a determinação que distinguiu Zanetic – e que tantas pessoas discretas que ensinam e que fazem pesquisa possuem.

Contudo, a explicação para sua força e sua energia é simples, mas difícil de ser falseada. Só tem tanta coragem e determinação quem luta cotidianamente por um futuro em que as pessoas possam embarcar na aventura do conhecimento.

João Zanetic fez isso ao:

- participar do Projeto de Ensino de Física do MEC/IFUSP;
- ler Paulo Freire em suas aulas para formação de professores, apesar da censura a seus livros;

- coordenar o lançamento da Revista de Ensino de Física da SBF e a editar por 10 anos;
- militar ativamente na Associação dos Docentes da USP;
- participar da equipe de Paulo Freire quando ele foi Secretário Municipal de Educação e Luiza Erundina foi Prefeita de São Paulo;
- formular, defender e divulgar a tese de que “Física também é cultura”;
- participar do GREF – Grupo de Reelaboração do Ensino de Física, que publicou livros didáticos escritos por professoras e professores de ensino médio com apoio dele e de colegas do IFUSP;
- fazer palestras, dar entrevistas, se manifestar de maneira inflamada ou com falas longas que, em alguns casos, se transformaram em texto ou inspiraram editoriais, ensaios etc.
- contextualizar a produção da Ciência na abordagem de diferentes disciplinas de física, escrevendo apostilas e usando textos originais.

Ele foi incansável pois tinha amor pela vida, pela liberdade, pela aventura do conhecimento e pela educação dialógica e conscientizadora.

Cabe a nós agradecer a ele por ter deixado tanta gente disposta a honrar sua memória.

Membros da CAPEF e da Comissão para Assuntos de Ensino da SBF, com participação de várias sócias e sócios da área de Pesquisa em Ensino de Física.